FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

Milton Tortella

A FORMA DO FLUXO. UM ENSAIO SOBRE A ARTE DE RAPHAEL ESCOBAR

Professor

Antonio D' Agostino Filho

São Paulo, 2024

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

Milton Tortella

A FORMA DO FLUXO. UM ENSAIO SOBRE A ARTE DE RAPHAEL ESCOBAR

Professor

Antonio D' Agostino Filho

São Paulo, 2024

A forma do fluxo. Um ensaio sobre a arte de Raphael Escobar

Trabalho para a matéria Arte, cultura e identidade no Brasil apresentado
à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo,
Pós-graduação Estudos Brasileiros: educação, sociedade e
cultura, sob orientação do Professor Antonio D' Agostino Filho.

Resumo

O ensaio investiga a arte do artista visual e educador social Raphael Escobar, no contexto de sua convivência e atuação na Cracolândia, em São Paulo. Ali, ele desenvolve e formaliza uma série de trabalhos que respondem a questões como violência policial, ausência do poder público, saúde pública, moradia, racismo estrutural e outras formas de opressão sobre os corpos dos moradores e frequentadores do fluxo. Serão analisados trabalhos realizados no território e com as pessoas que lá circulam, como a peça sonora "O Som da Maloka"[1], que conta a história do fluxo desde sua origem e coloca seus moradores, trabalhadores e frequentadores como protagonista desta obra. Verificou-se que, ao contar essa história e relacionar sua produção artística com o território, forma-se uma rede de apoio que atua na redução de danos dos usuários, moradores e frequentadores da região. Além disso, revela-se a colaboração das pessoas na construção coletiva e ativação dos trabalhos.

Palavras-chave

Raphael Escobar, arte engajada, redução de danos, Cracolândia.

Capa: série de banners "Direitos", "Direito a Loucura". Imagem: Reprodução do site do artista.

1 Escobar, Raphael. "O Som da Maloka", em colaboração com Mc Kawex, Denis Alberto, MC Meia Noite, Pagode na Lata e o Blocolândia. Coleção moraes-barbosa, São Paulo, 23 de março de 2024.

Introdução

A ideia de fazer este ensaio é analisar como os trabalhos de Raphael Escobar, realizados nos últimos anos quase que exclusivamente com e para o fluxo, conhecido como Cracolândia, se desenvolvem. Entre esses trabalhos estão "O Birico", "Cachimbo" e "Cachimbeiro", "Blocolândia", "Pagode na Lata" e "O Som da Maloka". Este último será usado para contextualizar o que é este território, tão estigmatizado e constantemente visado pelo mercado imobiliário e por aqueles que sonham com uma região revitalizada e segura para a construção de condomínios para a classe média. Propostas como as apresentadas na gestão Serra-Kassab para o extinto Projeto Nova Luz, que excluíam a população residente e não beneficiavam os moradores ou comerciantes de baixa renda, mostram que a construção de habitações de interesse popular está longe de ser prioridade do poder público. Esse contexto é vivenciado por Escobar, que dialoga com o território na intenção de influenciar a articulação de uma rede de apoio voltada para a redução de danos dos usuários e valorização dos moradores e frequentadores, através de estratégias de enfrentamento com coletivos estruturados e na criação de trabalhos que valorizam a epistemologia do fluxo, por meio da convivência entre a Cracolândia e o público, com envolvimento e comissionamento do sistema de arte.

A Arte Engajada de Raphael Escobar

Para contextualizar o território de onde parte a produção dos trabalhos de Escobar, recorremos ao seu trabalho "O Som da Maloka", onde é contada a história do fluxo e são apresentadas as vozes que cantam sobre seu lugar, na tentativa de ecoar a existência de um fluxo que expande o grito dos excluídos.

A chamada "Cracolândia", região no centro de São Paulo, foi criada em 1990 pelo presidente Collor de Mello, coincidentemente na mesma época da chegada do crack no local. Um território marcado pela pluralidade e com muita história para contar, já foi conhecido como "a boca do lixo" nos anos 70, ou "Quadrilátero do Pecado"[2], resistência do samba, entre a rua dos Timbiras, a praça Júlio de Mesquita, a alameda Barão de Limeira, a avenida Duque de Caxias, o largo General Osório e a rua dos Protestantes[3]. Em 1961, foi inaugurada a Rodoviária da Luz, a primeira rodoviária de São Paulo, em uma região que sempre teve, como lembra Escobar, "Povo de rua, puta, aviãozinho de droga". Associada à criminalidade, a região vive constantemente sob ataque difamatório, tentando apagar problemas sociais como a falta de moradia e a violência do racismo estrutural. Mas foi o crack que contribuiu para a construção da imagem propagada pela mídia de que ali só vivem "zumbis", um estereótipo que compara os moradores de rua aos mortos-vivos dos filmes de terror. Segundo a lógica social, o que já está morto pode ser descartado e não precisa

2 Escobar, Raphael. "O Som da Maloka", em colaboração com Mc Kawex, Denis Alberto, MC Meia Noite, Pagode na Lata e o Blocolândia. Coleção moraes-barbosa, São Paulo, 23 de março de 2024.

3 Mello, Daniel e Escobar, Raphael. Birico é um fragmento que queima no centro. P. 44. Memoricidade. Revista do Museu da Cidade de São Paulo. Museu da Cidade de São Paulo, 2020.

de cuidados. Mesmo que, na realidade, 28% dessa população, que gira em torno de 2 mil pessoas, não consomem drogas, muito menos crack, segundo o perfil feito pelo Governo do Estado em 2017, que também mostrou que 15% apenas bebem álcool. Essa constatação não impediu que, durante a pandemia, o poder público fechasse a unidade de Atendimento Diário Emergencial (ATENDE), que funcionava no número 37 da rua Helvetia e durante o programa "De Braços Abertos", criados na gestão do prefeito Fernando Haddad, conseguiu como política pública estruturada, apresentar resultados positivos, com a redução do consumo de drogas entre os participantes (RUI, 2016)[4]. Com o fechamento do ATENDE, foi interrompido serviços como banheiros, pernoite e alimentação, bem como o fim do Redenção, política municipal voltada para internação e desintoxicação. Esse desmonte, iniciado na gestão do governador João Doria e continuado por Bruno Covas, consolidou-se como a única política pública no território, amparada pela GCM (Guarda Comunitária Municipal), que recorre a bombas de gás e balas de borracha dia e noite, acusando as pessoas marginalizadas que vivem ali de serem violentas e perigosas. Uma versão desmontada pelo dossiê "Não é Confronto, é Massacre" (CRACO RESISTE, 2021), lançado pelo coletivo A Craco Resiste em abril de 2021. Com câmeras monitorando o território 24 horas por dia, foi possível ver que a maioria das ações com "munição menos letal" parte da própria GCM, que não hesita em atacar pessoas distraídas ou sentadas no chão, além de socos, empurrões e até tentativas de atropelamento.[5] A Cracolândia é um dos espaços de maior disputa política e, apesar de tanto a mídia quanto os governos falarem do crack, é preciso lembrar que este território é uma periferia no centro de São Paulo, formada majoritariamente por pessoas pretas (de 80 a 90%), egressos do sistema carcerário (de 70 a 80%). Uma população excluída pela sociedade que se junta como estratégia de proteção. Dos frequentadores da Cracolândia, 30% apenas moram lá e não consomem crack, e quem usa droga, em sua maioria, o faz por causa do sofrimento causado pela ausência do poder público e desprezo social.

Essa região seria exterminada, se não fosse a atuação coletiva, voluntária e organizada de centenas de pessoas, de muitos coletivos instalados no fluxo, e de grupos de movimentos sociais que possibilitam reconhecer essas pessoas marginalizadas, que vivem, trabalham e têm muito a contar, em particular sobre as condições sociais que as colocaram naquele ambiente. Esse ambiente não é tão sombrio como parece através das lentes distantes das TVs abertas, das capas de jornais de massa e dos discursos dos dirigentes dos espaços culturais financiados pela iniciativa privada e pelo Estado, que acreditam que tais equipamentos de cultura têm poder de afastar a desigualdade social e curar toda a injustiça apenas pelo fato de ali se instalarem e acolherem a elite da cidade e turistas em seus portões fechados por bilheterias. Entre os ativistas que formam uma rede de apoio e cuidados com moradores de rua e frequentadores do fluxo, encontra-se facilmente o artista tema deste ensaio: Raphael Escobar.

Escobar é um artista visual e educador social, que passou por espaços como Fundação CASA, albergues e Cracolândia. Um sujeito generoso, apaixonado, alegre e crente numa existência melhor, exatamente como ele definiu os frequentadores do fluxo, expressão utilizada para descrever o território da Cracolândia, no disco "O Som da Maloka". Essa definição das características de Escobar é responsabilidade do autor deste ensaio, que teve a sorte de conviver semanalmente com o artista, em grupos de estudo no Clínica Geral do Ateliê397 (2016-2017 e

4 RUI, Taniele (Coord.). Relatório de Avaliação de Pesquisa Preliminar do Programa De Braços Abertos. Disponível em: https://pbpd.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Pesquisa-De-Bracos-Abertos-1-2.pdf. Acesso em: 16 junho 2024.

5 Mello, Daniel e Escobar, Raphael. Idem.

2019-2022) e no Base (na casa que dividia com os artistas Sol Casal e Pablo Vieira, 2018). Ele tem um olhar atento, de quem vive e anda nas ruas da Luz, ao lado dos seus. Escobar gosta de gente, e sua capacidade de juntá-las é prova disso. Sua pesquisa (2024) cria pontes entre os espaços formais de arte e o público, possibilitando incluir "os malokeiros, com K, o que Paulo Freire chama de esfarrapados[6]. Sua atuação e criação artística podem ser consideradas uma forma de engajamento entre os nóia, artistas, instituição e, claro, o território. Engajamento que tenta articular a relação entre as formas de expressão artística dos autores engajados e os públicos receptores dessas obras (Marcos Napolitano, p.103). Como artista, Escobar tem atuado sob a pauta das relações de classe, tensionando a lógica moral da sociedade, conceitos que norteiam sua pesquisa. Sua atuação como ativista resultou na co-criação de diversos coletivos e movimentos sociais na região. E como educador social, trabalha junto a pessoas em contextos de vulnerabilidade social ou de disputas políticas no fluxo. Podemos, a partir dessa compreensão da dimensão de sua obra e atuação, perceber que o contato com seu trabalho significa acessar ações afirmativas para a redução de danos e incluir no centro da conversa os moradores e frequentadores da região. Como é o caso do coletivo que teve sua participação na criação, o "Craco Resiste", que atua na redução de danos dos usuários de crack e em sua defesa, sofrendo com tentativas de criminalização de seus integrantes por parte de um vereador da cidade e perseguição sistemática desde sua criação em 2017

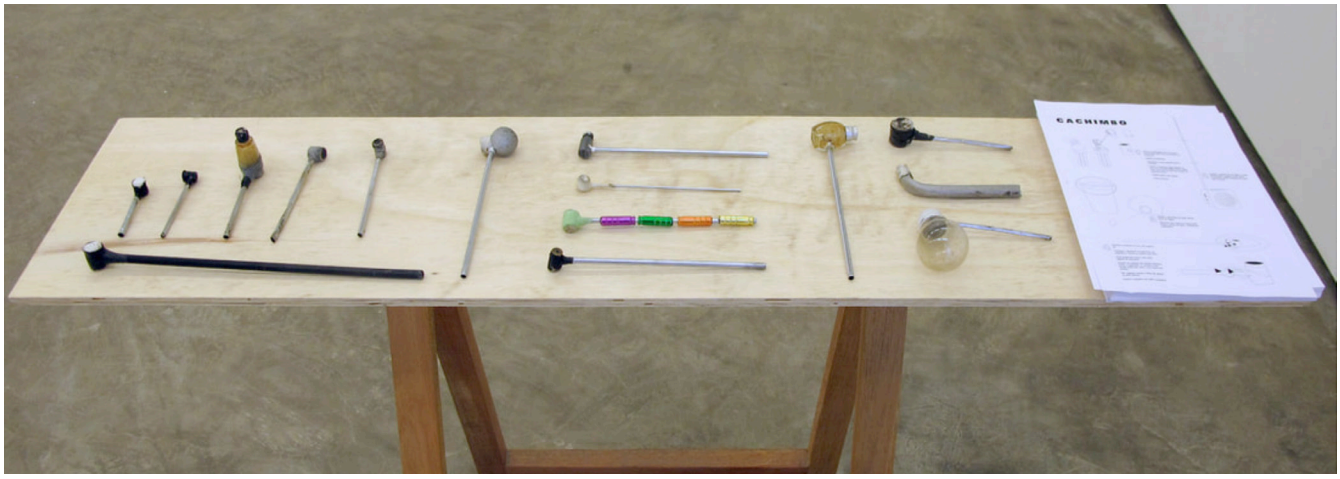
Outra iniciativa que conta com a participação deste artista é o Birico Arte, um coletivo que reúne 40 artistas de diversas linguagens e condições sociais, que criou um leilão de arte para fomentar a moradia para pessoas sem teto. No contexto dos primeiros meses da pandemia, eles entregavam refeições prontas e máscaras para proteção contra o coronavírus para essa população. A distribuição contava também com o apoio de outros voluntários, grupos religiosos e órgãos públicos. Durante a quarentena imposta pela COVID-19, a Cracolândia ficou menos frequentada, deixando para o grupo de artistas a tarefa de acolher diariamente a população em situação vulnerável, baseados no Teatro de Contêiner e na Cia de Teatro Mugunzá. Assim surgiu o Birico, uma ação estruturada no vácuo do poder público, que, através de uma grande venda pela internet, de trabalhos (múltiplos) de artistas renomados e da rua, revertia os valores arrecadados para apoiar essas iniciativas e também para o coletivo de mulheres "Tem Sentimento", voltado para a geração de renda e economia solidária.

Um dos trabalhos que merecem atenção nasceu de uma prática dos Projetos de Redução de Danos, que aproximadamente em 2022 começaram a distribuir cachimbos de madeira nas regiões onde se aglomeravam usuários de crack. A ideia era substituir o uso de latas coletivas, que, além de queimar as bocas dos usuários, transmitiam doenças como herpes e hepatite. Os cachimbos de madeira não foram assimilados e não estimularam o uso individual, pois entupiam com facilidade por serem porosos. No entanto, apresentaram a possibilidade da inserção do insumo no território. Os usuários passaram a fabricar seus próprios cachimbos com materiais mais convenientes e adequados, coletados no entorno da Cracolândia, utilizando peças como antenas e capacitores de eletrônicos facilmente encontrados nas ruas e na Santa Ifigênia, meca da eletrônica. Isso minimizou os danos, mas ainda assim o uso de materiais muito tóxicos causava queimaduras. Acompanhando esta dialética entre a realidade do território e as políti-

6 Escobar, Raphael. "O Som da Maloka", em colaboração com Mc Kawex, Denis Alberto, MC Meia Noite, Pagode na Lata e o Blocolândia. Coleção moraes-barbosa, São Paulo, 23 de março de 2024.

“Estratégia de Cuidado”, 2016. 400 cachimbos de bronze com piteiras de silicone. Imagem: Reprodução do site do artista.

cas de redução de danos pelo mundo, a tendência de distribuição de cachimbos de vidro para evitar maiores contaminações foi descartada com o usuário brasileiro, que em sua maioria vive em situação de rua e cujos cachimbos tendem a quebrar. A partir dessa vivência e pesquisa, Escobar criou em 2016 o trabalho “Estratégia de Cuidado”, composto por 400 cachimbos de cobre com piteira de silicone, que foram distribuídos entre os usuários da Cracolândia após terem sido expostos na inauguração do SESC 24 de Maio, em São Paulo, na exposição “São Paulo não é uma cidade – invenções do centro”, com curadoria de Paulo Herkenhoff e Leno Veras. Essa ideia resultou de outro trabalho que o antecedeu, com o objetivo de desmitificar a ideia de “zumbi” (termo usado desde o começo dos anos 2000, influenciado pela mídia). Escobar, junto com alguns usuários, começou a colecionar cachimbos de crack de diversos modelos e peças



“Cachimbo”, 2016. Coleção de cachimbos recolhidos na Cracolândia e instrução de como fabricar cachimbos. Acervo Pinacoteca do Estado. Imagem: Reprodução do site do artista.

diferentes. O “Cachimbo” é uma coleção de cachimbos recolhidos no fluxo com a ajuda dos amigos usuários e um manual impresso de como fazer seu próprio cachimbo, usando materiais facilmente encontrados na rua, como lâmpadas, antenas de rádio e tampas de copo d’água.

Esse movimento entre o fluxo e o espaço institucional, com o morador e frequentador da Cracolândia no debate sobre arte e pertencimento, também pode ser observado no trabalho “Pagode na Lata”, de 2019. Este coletivo forma uma roda de samba que junta ex-trabalhadores do território, usuários e militantes que pensam no samba como uma operação para a redução de danos e o fortalecimento da economia solidária como prática de autonomia. O “Pagode na Lata” é fruto de um trabalho do Escobar, que, por meio de um projeto em parceria com o Goethe Institut São Paulo e a Casa do Povo (o Samba na Lata), impulsionou a constituição do novo grupo. O coletivo ativa o trabalho no local de maior concentração de usuários de drogas da Cracolândia, com instrumentos musicais tocados por músicos integrantes e pelos frequentadores do fluxo. Enquanto se forma uma roda de samba colaborativa, cria-se também um espaço de convivência pacífica, alegre e livre, momentaneamente, dos cachimbos com crack, que são substituídos por instrumentos pelos usuários que compõem e dançam no Pagode na Lata. A cada quinze dias, o Bar da Nice, no centro dessa atividade, torna-se a base do coletivo, e o grupo costuma ser convidado para tocar em espaços culturais como o SESC, Casas de Cultura,

Coletivo “Pagode na Lata”, 2017. Foto: João Leoci

ocupações de movimentos sociais, exposições em galerias privadas, eventos fechados, teatros, museus e até no Palácio do Planalto, em Brasília, no mês que antecedeu a posse do terceiro governo do presidente Lula. Uma roda de samba pensada para criar vínculos entre os integrantes, os usuários, o público e a sociedade, e quem sabe, construir novos horizontes.

Esses horizontes puderam ser vistos se abrir nos sorrisos nas bocas da população do fluxo, que cantava o samba enredo do Blocolândia, um bloco de carnaval criado em 2014 por trabalhadores e frequentadores do território da Cracolândia. O trajeto do bloco passa pela porta de grande parte das instituições culturais do território e na frente das casas dos moradores da região, com o objetivo de desestigmatizar o usuário de drogas a partir da música e mostrar a produção cultural de um território tão invisibilizado. Esta festa popular e coletiva apresenta uma bateria, letra das músicas e fantasias, todas produções locais e colaborativas entre usuários, militantes e trabalhadores, com base no cuidado e na redução de danos. O envolvimento dessas pessoas é tão intenso durante todo o processo de produção e ensaios, até o desfile, que grande parte dos usuários trocam o cachimbo pelos instrumentos do bloco, que foi apelidado de “Bloco mais careta de São Paulo”.

“O Som da Maloka”, 2024. Imagem: reprodução do instagram @raphael_escobar

“O Som da Maloka”, lançado em 2024, conta a história do fluxo e foi gestado e produzido desde 2017. Reunindo toda verba que recebia de editais, Escobar a direcionava para gravar as músicas das pessoas da Cracolândia e pagar a produção. A verba prevista com a arrecadação da venda será dividida igualmente entre os artistas. Este trabalho serviu como referência para contextualizar a Cracolândia no início deste ensaio, com Escobar pedindo licença, reverenciando

e agradecendo nominalmente a todos que passaram por sua trajetória nesse fluxo, formalizando sua história. Para Escobar, ninguém dá voz a ninguém, mas ele reconhece que essa voz vaza pelas ruas através de seus trabalhos, contando agora o samba da Cracolândia e de sua gente, que, para ele, é do tamanho do Brasil e não caberia nessa história. “O Som Da Maloka” trata do que Joãozinho Trinta chamou de desocupados, pivetes, meretrizes, loucos, esfomeados e povo de rua. Para Escobar, os malokeiros com K, da periferia central da Babilônia, onde ele vive e fala. “O Som da Maloka” é uma peça sonora criada por Raphael Escobar em colaboração com Mc Kawex, Denis Alberto, MC Meia Noite, Pagode na Lata e o Blocolândia. Sua composição é inspirada no álbum “Nas Quebradas do Mundaréu” de Plínio Marcos. Nele, é narrada a história cultural da Cracolândia, partindo de um trecho onde Plínio Marcos conta sobre a infância de Geraldo Filme e inclui as músicas dos artistas do território. O disco tem tiragem de 250 exemplares, numerados, disponível em três cores: preto, rosa e amarelo. Ele está à venda no espaço da Coleção Moraes-Barbosa, ou pode ser encomendado pelo DM de Raphael Escobar, possibilitando assim a subsistência dos envolvidos na obra e criando pontes para além do fluxo, com outras pessoas, permitindo outros entendimentos sobre quem vive por ali, quem viveu e qual futuro pode ser criado para aqueles que lá vivem, com o entendimento de quem são eles.

Conclusão

A conclusão que podemos tirar ao analisar Raphael Escobar, com sua arte engajada, não apenas tensiona os espaços institucionais, mas também constrói uma narrativa de resistência e esperança na Cracolândia. Seus trabalhos são um testemunho do poder transformador da arte quando ela emerge diretamente das experiências vividas e das lutas cotidianas de uma comunidade marginalizada. O envolvimento do artista ativista no centro do fluxo mais temido do Brasil, faz dos seu trabalho um projeto cultural-educacional sobre redução de danos e que permite que a sociedade e o próprio usuário se enxerguem de outra maneira, facilitando as articulações e consolidando uma rede de apoio, de afeto e de economia solidária, no vazio deixado pelo poder público e na ausência de cuidados e políticas públicas que contemples seus moradores e frequentadores. Os trabalhos e outras iniciativas de Escobar são um lembrete de que, mesmo nos contextos mais adversos, a arte pode expande e criar novos caminhos para uma existência com cuidados e oportunidades. Um tratamento digno que os recoloque na sociedade, fortaleça a economia solidária e a cultura local. Escobar opera de uma forma que cria elos entres os atores envolvidos, e materializa trabalhos que nascem da vida de quem vive lá de dentro e espante a percepção sobre essa gente que têm história e um motivo para estar ali. Motivo este que, aos poucos começam a ser revelados, e diz mais sobre quem os excluí, ou ignorava sua existência, do que a eles próprios.

Raphael Escobar.
Imagem: reprodução do site do artista.

Referências:

ESCOBAR, Raphael. Site do artista. Visto em: http://www.escobarr.com/blocolacircndia.html Acessado em 3 de junho de 2024.

Escobar, Raphael. “O Som da Maloka”, em colaboração com Mc Kawex, Denis Alberto, MC Meia Noite, Pagode na Lata e o Blocolândia. Coleção moraes-barbosa, São Paulo, 23 de março de 2024.

GATTI, Simone. O habitar precário e invisível: conflitos e disputas da política habitacional no território da Cracolândia. Le Monde Diplomatique, 2017. Visto em:

https://diplomatique.org.br/o-habitar-precario-e-invisivel-conflitos-e-disputas-da-politica-habitacional-no-territorio-da-cracolandia/ Acessado: 5 maio de 2024.

NAPOLITANO, Marcos. Estudos Históricos, A arte engajada e seus públicos, Rio de Janeiro, nº 28, 2001, p. 103-124.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 1975.

Nota: O disco “O Som da Maloka” pode ser adquirido na Coleção Moraes-Barbosa, ou por pedidos diretamente ao Raphael Escobar. Disponível em três cores: preto, rosa e amarelo, todas numeradas (tiragem de 250).